

Ana Zandwais
organizadora

MIKHAIL BAKHTIN

Contribuições para a Filosofia
da Linguagem e Estudos Discursivos



2005

BAKHTIN NO CONTEXTO: DIÁLOGO DE VOZES E HIBRIDAÇÃO DAS LÍNGUAS (O PROBLEMA DOS LIMITES)

PATRICK SÉRIOT

A relação entre o pensamento científico e o amplo contexto dentro do qual ele se desenvolve é um tema fascinante, quase irresistível.

Daniel Todes: Darwin without Malthus (The Struggle for Existence in Russian Evolutionary Thought New York – Oxford: Oxford University Press 1989, p.3)

A produção escrita do “Círculo de Bakhtin”¹ é densa, por vezes opaca, freqüentemente espantosa, e produz, na Europa Ocidental, um efeito de estranheza criadora de incompreensão e de mal entendidos. Essa obra recebeu enfoques muito diferentes de acordo com os lugares e as épocas de recepção: o Bakhtin “francês” dos anos 1970 seria o precursor da Teoria da enunciação, uma espécie de aluno “prodígio” de Benveniste, ou ainda um renovador da Teoria marxista das ideologias²; o Bakhtin “americano”, dos anos 1980, seria um pensador liberal, adversário do totalitarismo stalinista³, por vezes utilizado pelos movimentos feministas; quanto ao Bakhtin “rus-

¹ Por “Círculo de Bakhtin” entendemos um grupo de amigos que, durante os anos 1920-30 tinham o hábito de encontrar-se e trabalhar juntos. Trata-se, além de M.M. Bakhtin, de Matjev Isaevich Kagan (1889-1937), Pavel Nikolaevich Medvedev (1891-1938), Lev Vasilevich Pumpjanskij (1891-1940), Ivan Ivanovitch Solletinskij (1902-1944), Valentin Nikolaevich Voloshinov (1895-1936). Não tomarei, aqui, posição sobre a atribuição de paternidade aos “textos controversos” de Medvedev e Voloshinov. Esta questão não me parece essencial. Nós nos ocupamos de um conjunto de textos publicados, é deles que é preciso partir.

² Conforme Gardin, 1978, p.88, onde o trabalho de Voloshinov é apresentado como “um novo corte epistemológico”, substituindo aquele que se tinha, até agora, falsamente atribuído a Saussure.

³ Conforme Brandist, 1995, p.32; na Alemanha, igualmente, conforme Gunther 1986.

so”, dos anos 1990, é um pensador moralista e religioso ortodoxo, personalista e profundamente conservador⁴. “Visto do Oeste” Bakhtin se inscreve no movimento da morte do autor, via sujeito, atravessado por um discurso feito essencialmente de alteridade e de heterogeneidade. “Visto do Leste”, ao contrário, Bakhtin é totalmente orientado em direção a uma retomada da posse de si, onde o objetivo do trabalho é afirmar sua identidade, a origem de seus propósitos, onde o tema central é a personificação, que dá autoria e voz a todo sentido.

Neste pensamento tão rico mas tão contraditório que suscita uma oposição entre “bakhtinianos” russos e ocidentais⁵, os eslavistas europeus podem e devem servir de transmissores culturais.

Sobre o fundo desta extraordinária confusão/profusão de domínios, proponho, aqui, esclarecer uma das noções mais conhecidas que, todavia, pode estar entre as menos claras, ou, em todo caso, sujeita a uma incontável quantidade de interpretações divergentes – a de *dialogismo*.

É, entretanto, prematuro abordar de frente uma questão tão complexa e embaralhada⁶. Eis porque faremos, aqui, um percurso rápido pela epistemologia histórica e comparada.

A partir das polêmicas dos anos 1920-30, a respeito das noções de pureza e hibridação (das línguas, das culturas, das raças, das espécies, dos objetos de discurso...), espera-se poder re-contextualizar a especificidade da noção bakhtiniana de dialogismo, a fim de tornar a leitura no “Ocidente” mais acessível. Trabalhar-se-á, assim, sobre a hipótese de que a noção de dialogismo deve ser posta em relação com a crise do paradigma positivista de *fechamento* dos objetos em ciências humanas e sociais, de acordo com o modelo das ciências exatas e naturais, crise onipresente no mundo intelectual desde o primeiro terço do século vinte em toda Europa. É, então, que deveria aparecer sob um ângulo, talvez novo, o problema da consciência individual ou coletiva, que ocupou Bakhtin ao longo de sua obra.

A reavaliação do “paradigma” de Bakhtin e de seu Círculo exige resituar suas análises dentro do quadro teórico e filosófico em que elas são inseparáveis, submetendo-as a uma investigação *comparativa*. Com efeito, é por um método comparativo audacioso e sem entraves⁷ que se pode iluminar um autor, uma época, em contraste com os autores contemporâneos e as teorias vizinhas.

⁴ Conforme os trabalhos de Kozhinov; igualmente Averincev, 1976.

⁵ Conforme Steinglass, sd.

⁶ Sobre a noção de dialogismo, conforme Ivanova (2000) e Romashko (2000).

⁷ Sobre a Filosofia do método comparativo, conforme D tienne (2000).

Coloquemos a questão do seguinte modo: houve uma ruptura, um corte entre a Rússia Soviética e a Europa Ocidental, no período entre as duas guerras, no domínio das ciências humanas e sociais? Seu campo disciplinar, suas problemáticas eram diferentes ou comparáveis, não obstante o passado, não obstante a língua, não obstante a ideologia marxista-leninista oficial? Se os textos de Bakhtin e de seu grupo suscitam tantas interpretações divergentes, é em função de uma descontinuidade espacial, até mesmo temporal, entre Bakhtin e seus leitores “ocidentais” da atualidade?

Sustentarei a tese de que há, ao mesmo tempo, continuidade e corte epistemológico. Por meio de um trabalho de retomada das teorias subjacentes ao trabalho empírico, por meio de uma reflexão sobre o objeto de conhecimento estudado, os conceitos utilizados, os tipos de argumentação desenvolvidas, gostaria-se, aqui, de explicitar o implícito, reconstituir a biblioteca ideal de Bakhtin, aquela de seu lugar e seu tempo.

De fato, é na interconexão estrita do *ar do tempo* e do *ar do lugar* que podemos tentar compreender melhor a especificidade da noção de *dialogismo*, na obra de Bakhtin, fazendo mais dessa noção um pensamento totalmente singular.

A NOÇÃO DE CRISE NAS CIÊNCIAS HUMANAS: OBJETOS FECHADOS OU OBJETOS ABERTOS?

O ar do tempo

Se há uma palavra que aparece de maneira inflacionária em torno dos séculos XIX e XX, em toda Europa, é o vocábulo *crise*: crise dos fundamentos das matemáticas (Cantor) em relação aos paradoxos lógicos (B. Russel), crise da representação (pictórica, teatral) em relação às vanguardas artísticas, e, mais genericamente, crise da modernidade⁸.

Certamente, uma afirmação de crise não é nenhuma prova de sua realidade, ou alguma solução para ultrapassá-la, no máximo ela deve ser tomada como um sintoma de que alguma coisa está prestes a acontecer no início do século XX, um pouco antes e um pouco após a Primeira Guerra Mundial. Mas o refrão é inquietante, particularmente, na Rússia.

A Lingüística européia se encontra, no momento atual, em um estado de desacordo interior. Eu diria bem simplesmente: nós assistimos a uma verdadeira crise do saber lingüístico. (Vinokur, 1925, p.9)

⁸ Sobre a noção de crise da modernidade, conforme Mosse (1981).

Em Lingüística, propriamente dita, após a era positivista, marcada pela recusa de toda teorização dos problemas científicos, a que se acrescenta, segundo os positivistas tardios, uma hostilidade ao olhar dos problemas de visão de mundo, assiste-se a uma clara tomada de consciência dos fundamentos filosóficos desta ciência e de suas relações com outros domínios do conhecimento. Isto serviu de revelação à crise que atravessa a Lingüística, em sua incapacidade de resolver os problemas de modo satisfatório.” (Bakhtin, Volochinov, 1929 [1977, p.21])

D. Baggioni, em sua tese, examina essa crise como o vai e vem entre uma lingüística da língua e uma contestação desta lingüística reducionista em nome de uma outra lingüística, concebida como ciência, tendo um outro objeto: a linguagem⁹. Haveria, assim, uma alternativa entre um ponto de vista, encarando a pesquisa lingüística como ciência da linguagem, processo complexo integrando todas dimensões do ato de linguagem (Sprachphilosophie do tipo Humboldt, Neolingüística na Itália, a escola de Vossler, etc.), atualmente, os diferentes tipos de sociolingüística e de pragmática, e um outro ponto de vista, que a examina como ciência da língua, objeto de pesquisa estritamente limitado, que exclui deste fato inúmeras questões como sendo não-pertinentes (neo-gramáticos, lingüistas estruturalistas, etc.), deixando restringir até a abstração caricatural o objeto “língua” examinado, mesmo se as palavras *sprache* em alemão e *jazik* em russo deixam indeterminada a escolha entre língua e linguagem.

Parece-me que se pode tomar esta tese como ponto de partida, determinando-a por duas temáticas complementares: o problema dos limites (do objeto de estudo, e entre a interioridade e a exterioridade da consciência), e aquele, mais geral, da teoria do conhecimento.

De fato, D. Baggioni considera a história das idéias lingüísticas, no período entre as duas guerras, como a passagem de um reducionismo a outro (dos neo-gramáticos aos estruturalistas), separados por um intervalo que ele considera positivo, onde os defensores de uma lingüística da linguagem contestavam ponto por ponto uma visão demasiado restrita dos fatos da língua.

A contestação recaía sobre a doutrina positivista dos neo-gramáticos que fizeram da língua um objeto fechado, constituído de leis fonéticas funcionando sem exceção¹⁰. Aplicava-se sobre o método: empírico filo-

⁹ Baggioni, 1986, p.10,18.

¹⁰ O princípio neo-gramático das leis fonéticas absolutas foi formulado por August Leskien, com uma objetividade extrema, em sua obra *Die Deklination in: Slavisch-Litanischen und Germanischen*. Introd., p.XXXVII (1876): *Die Lautgesetze wirken ausnahmslos* (as leis fonéticas sem exceção).

lógico, aplicava-se, enfim, sobre o objeto: a língua, feita unicamente de sons e de formas gramaticais, objeto de uma **Laut-und Formenlehre*.

É, portanto, em virtude de um desmoronamento dos valores do positivismo que se assiste, por mais paradoxal que seja, falar de valores em relação a uma ideologia que os ignora de forma tão manifesta. Estes “valores”, que repousam sobre a idéia de que a lingüística é uma ciência natural, são pouco a pouco substituídos por aqueles de uma corrente *sociológica*, que tem como slogan ser a língua um “fato social”.

Pode-se ultrapassar a oposição proposta por Baggioni, observando que o jogo não é somente o objeto da lingüística, mas uma nova oposição entre o objeto real e o objeto do conhecimento (objeto dado/objeto construído) que se esboça neste período entre as duas guerras. É sobre o fundo desta crise de fundamentos do conhecimento científico que se vai estudar alguns aspectos da obra de Bakhtin e de seu Círculo.

Hibridação: o problema dos limites

Uma questão se põe em lingüística, que parece estar ausente nas matemáticas: como saber se dois objetos são semelhantes ou diferentes? Há um meio termo? Uma outra possibilidade? Trata-se de gradação? De contínuo? Onde começam e terminam os objetos que estão em questão nesta ciência?

Foi a questão das fronteiras e dos limites entre as línguas que deu lugar às controvérsias mais vivas no início do século XX. O modelo dominante era, desde A. Schleicher (1861) o modelo “naturalista”, da árvore genealógica.

Esta visão naturalista sobre a evolução das línguas, que se desenvolve *no tempo*, mas não na história, (já que a vontade humana não pode interferir em nada) manipula os objetos até o fechamento hermético; cada língua é um corpo puro, seu organismo (ou sua essência) não pode ser alterado, em nada, por contatos ou por misturas.

Para Max Muller (1823-1900), a língua segue uma evolução natural, completamente independente dos fatos exteriores, de acordo com leis inexoráveis. Para os lingüistas naturalistas¹¹, toda idéia de contato entre línguas, de semelhanças adquiridas por proximidade geográfica, via *hibridação*, na verdade, é um *non-sense*, ou mais do que isso, um fato teratológico; uma língua mista não pode ser senão um monstro. As línguas, percebidas como organismos vivos, são necessariamente *impenetráveis*

* A expressão “laut und formenlehre” pode ser entendida como fonética e morfologia (Nota dos Tradutores).

¹¹ A respeito da lingüística naturalista na França, conforme Desmet (1996).

umas nas outras. O modelo de Schleicher não permitia nem contaminação, nem difusão, nem contato ou empréstimo. Para o naturalismo, a noção de “mistura de línguas” não possui nenhum sentido, além daquele que se teria de “mistura de espécies” em biologia.

Entretanto, a descoberta de línguas que não entraram dentro deste quadro estrito (o armênio, em particular) ou dos dialetos fronteiriços colocou logo em questão estas certezas rígidas. O principal adversário do fechamento dos sistemas lingüísticos é Hugo Schuchardt (1842-1927), professor em Graz. Para ele, não existe língua que não seja híbrida.

A pronúncia de um indivíduo jamais está isenta de variação [...] a mistura sem fim das línguas (sprachmischung) acompanha esta fragmentação ilimitada da língua (sprachpaltung): a influência de um dialeto sobre os outros que, após os neo-gramáticos, provoca uma perturbação do caráter, sem exceção, das leis fonéticas, e o nivelamento de nuances individuais da palavra, segundo os próprios neo-gramáticos, torna somente possível o caráter sem exceção das leis fonéticas, esses processos de efeito contrário que são, em sua própria essência, idênticos: não são senão graus diferentes de hibridação.” (mischungstufen) (1885, em Spitzer – 1922:52)

Admito a mistura de línguas mesmo no interior da comunidade lingüística mais homogênea. (ibid., p.56)

Mas o aspecto provocador das teses de Schuchardt não fornece resposta a todas as questões. Se as línguas podem se hibridar, elas permanecem idênticas a si próprias ou bem abandonam, então, sua natureza inicial? Ou elas são, desde o princípio, híbridas?

A Geolingüística, ou o estudo da repartição das línguas no espaço, descobrindo que cada fato de língua (seja fonético ou lexical) teria sua própria localização, traz uma confusão suplementar ao problema dos limites entre as línguas¹².

O ar do lugar: a especificidade da situação na Rússia

Pode-se utilizar, a propósito da Rússia Soviética, no intervalo entre as duas guerras, a noção de “ciência normal”, proposta por Kuhn para designar um paradigma aceito por uma comunidade científica?

Um certo de número de especificidades é levado em conta. Em primeiro lugar, a partir de 1929, os contatos científicos entre a URSS e os países ocidentais tornaram-se cada vez mais difíceis. Os livros não chegavam

¹² Conforme os trabalhos de Gilliéron. Sobre a questão do desespero epistemológico que representou a geolingüística nos anos 1910-1930, conforme Sériot 1999, cap. 4.

mais. Era preciso contentar-se com o conteúdo das bibliotecas do período anterior à Revolução, muito rico, mas, certamente, em desvantagem em relação à ciência ocidental. Por outro lado, é preciso lembrar que, se o Francês era a língua dos salões na Rússia, o alemão é que era, sobretudo, a língua da ciência.

Os intelectuais russos tinham sido tomados pela ciência alemã. Hegel e Humboldt fizeram parte da bagagem obrigatória de cada um, e é nesse contexto que o pensamento de Marx teve recepção. O anti-positivismo do Círculo de Bakhtin, se responde a um movimento geral do pensamento científico na Europa (conforme Bergson na França) deve ser visto também a partir desta tonalidade geral, à base do idealismo alemão.

Os trabalhos do “Círculo de Bakhtin” se inscrevem, então, perfeitamente nesta lingüística da linguagem, tal como definida por D. Baggioni, mesmo que eles busquem distinguir-se de Humboldt e de Vossler, ao criticar o “subjetivismo individualista”.

A cultura científica russa da época é marcada, igualmente, pelo corte entre a ciência emigrada e a ciência soviética. Os laços intelectuais, entretanto, permanecem fortes, sendo articulados e inclusos, não obstante as divisões políticas.

O problema dos limites entre as línguas, enquanto recusa explícita do “positivismo” é tomado a braço e corpo por dois lingüistas que se opõem a tudo: N. Troubetzkoy (1890-1938), emigrado para Viena, e Nicolai Marr (1864-1934) representante da lingüística oficial até sua morte em 1934.

N. Troubetzkoy, assim como R. Jakobson, interessam-se pelo fenômeno da evolução das línguas por *convergência*, modelo que eles opõem ao clássico modelo da *divergência*. As línguas de origens totalmente diferentes podem se aproximar e adquirir características comuns ao ponto de formar as “uniões de línguas” (*sprachbünde*). O modelo que eles seguem é aquele da biologia anti-darwiniana de L. Berg (1876-1950), geógrafo e ictiologista soviético de renome, que pensava que as espécies animais poderiam se “aproximar” por convergência em um meio ambiente semelhante (ex: as baleias e os golfinhos).

N. Marr estava fascinado pelo problema do “cruzamento” de línguas. Ele estava muito próximo, com relação a esse ponto, de H. Schuchardt, e, como este, recusou, radicalmente, a idéia de parentesco genético de línguas.

Os dois modelos tem um mesmo adversário: os neo-gramáticos, mas não se colocam diante da questão do mesmo modo. No produto híbrido oriundo do cruzamento de línguas, segundo Marr, há uma mistura autêntica. Não se reconhece mais os elementos iniciais. Ao contrário, de acordo com Trou-

betzkoy e Jakobson, a convergência das línguas não produz uma mistura, mas uma semelhança tipológica ou “afinidade”¹³.

Parece-me que o dialogismo e o interacionismo de Bakhtin-Volochinov são uma terceira maneira de sair da mesma “crise” do positivismo¹⁴, uma outra resposta à questão dos limites dos objetos de conhecimento.

UMA PSICOLOGIA SOCIAL: CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL OU CONSCIÊNCIA COLETIVA?

O dialogismo de Bakhtin-Volochinov, nos anos 1920-30, é, ao mesmo tempo, uma teoria literária e uma psicologia social. Buscar-se-á mostrá-lo a partir dos textos assinados por Volochinov.

A sociedade

De acordo com Volochinov, a sociedade é vista como uma intrusão do exterior no interior, como uma reivindicação da socialização geral de tudo o que, antes dele, tinha sido considerado como sendo do domínio individual. Seu anti-psicologismo repousa sobre um sociologismo generalizado.

“*Não existe experiência fora de sua encarnação em signos. Desde o início, portanto, nem se pode tratar de uma diferença qualitativa entre interior e exterior.*” (Marxismo e filosofia da linguagem, MFL daqui por diante, p.101, trad. de Todorov, 1981).

Basear-se-á a argumentação, essencialmente, em um texto pouco conhecido de Volochinov, embora traduzido para o francês por Todorov: “A construção do enunciado”, publicado um ano após MFL (Volochinov, 1930, trad. de Todorov, 1981).

Nesse texto, que se apresenta como uma vulgarização científica destinada a escritores iniciantes, Volochinov apresenta, de maneira mais explícita, mais pedagógica, suas teses, sua orientação geral do livro MFL.

Como em MFL, o quadro geral ainda é o da psicologia social, mas aqui a tensão é muito forte entre dois modelos, duas retóricas. Trata-se da relação entre o coletivo e o individual que está em questão: já que a *sociedade* que Volochinov nos apresenta tem dois rostos muito diferentes. De um lado, o surgimento e a evolução da linguagem são condicionados pela “organização da sociedade pelo trabalho e pela luta de classes” (p.65), mas, por outro lado, a “comunicação” se dá “de homem para homem”, entre

¹³ Tudo gira em torno da interpretação da palavra alemã “Verwandschaft: “Parentesco” (semelhança herdada) ou “afinidade” (semelhança adquirida).

¹⁴ Sobre o contexto anti-positivista da época de Bakhtin, conforme Nerlich (2000).

indivíduos que são definidos somente pelo fato de estar em alteridade mútua, fora de qualquer determinação social. A sociedade é feita, ora de grupos, ora de indivíduos; ora o locutor representa a ideologia de seu grupo ou de sua classe, ora ele interage com as vozes de seus interlocutores, que não são senão os *alter egos*. Assim, a *sociedade* passa facilmente da parte para o todo, do grupo social à comunidade global. São dois modelos incompatíveis, entre os quais Volochinov hesita. Um tem por nome “coletividade social” [social’nyj kollektiv], na qual se realiza a interação verbal das pessoas que vivem uma vida social [obsschetvennoj zhiznju] (p.66); o outro denomina-se “classe social”, porém uma classe jamais apresentada em termos de antagonismos, mas somente enquanto coletividade, dispondo de uma espécie de consciência coletiva:

Logo que começamos a refletir sobre uma questão, logo que colocamos nela toda nossa atenção, bem como nossa fala interior (às vezes pronunciada em voz alta se estivermos sozinhos) ela toma a forma de perguntas e respostas, de afirmações e objeções, enfim, nossa fala cindese em réplicas mais ou menos longas, tomando uma forma dialogal. Essa forma manifesta-se de maneira mais clara quando temos de tomar uma decisão. Hesitamos. Não sabemos como agir da melhor forma. Discutimos com nós mesmos, tentamos convencer-nos de que esta ou aquela opinião está bem fundamentada. Nossa consciência está como cindida em duas vozes, independentes e mutuamente contraditórias. E, sempre, uma dessas vozes, independentemente de nossa vontade e de nossa consciência, funda-se com o ponto de vista, com as opiniões e os juízos de valor da classe a qual pertencemos. A segunda voz torna-se sempre a voz do representante mais típico, o mais ideal de nossa classe.

Minha conduta vai ser má de que ponto de vista? Do meu? Mas de onde será que tirei esse ponto de vista pessoal, senão através de quem me ensinou, com quem fiz meus estudos, de quem li os escritos em jornais e livros, que ouvi em comícios e em aulas? E se recuso as opiniões do grupo a que pertencia até então, é apenas porque a ideologia de um outro grupo conquistou minha consciência, preencheu-a, obrigou-a a reconhecer o bom direito do tipo de vida social que a produziu.

Minha conduta vai ser má, essa “voz de minha consciência”, na realidade, deveria ressoar assim: “tua conduta será má do ponto de vista dos outros, do ponto de vista dos melhores representantes de tua classe. (Volochinov, 1930, p.70-71) (tradução de Patrick Sériot)

Na verdade, esse texto é espantoso. A consciência pessoal seria a voz dos representantes ideais do grupo social que ressoa na vida interior do

indivíduo. A voz vinda do exterior leva a imitar o comportamento de uma elite idealizada. Quanto ao diálogo hipertrofiado, idealizado, ele recobre todo espaço que se pode esperar, no mesmo lugar e na mesma época, ser atribuído à dialética. É que a psicologia social de Volochinov e Bakhtin está sempre prestes a cair em um interacionismo interindividual, no pragmatismo, no simples face a face que reconstroem as fronteiras da individualidade e passam ao lado da imbricação dos tecidos discursivos¹⁵.

Da mesma forma, é difícil inserir na tradição marxista, por mais heterogênea que ela tenha sido, uma obra que em momento algum busca identificar formações sociais e, dentro dessas, grupos sociais engajados em práticas determinadas. Tudo o que importa para Volochinov é a intrusão da exterioridade na interioridade, o reconhecimento de que um enunciado é sempre proferido levando em conta um interlocutor, presente ou potencial, mas essa exterioridade não é diferenciada, ela não é senão convocada para provocar um enfraquecimento das fronteiras entre a palavra interior e a palavra exterior. Os discursos conflituosos não estão em questão¹⁶.

O Sujeito falante

Um dos principais objetivos do artigo condensado das teses mais conhecidas de Bakhtin, naquela época, visa ao próprio objeto da nova lingüística proposta por Volochinov. Esse objeto é a enunciação (*vyskazyvanie*)¹⁷, unidade real da língua (*rech*) (p.66), sempre único, sempre concreto, sempre inserido em uma situação que Volochinov designa como social, somente porque ela implica, necessariamente, várias pessoas, no mínimo um locutor e um interlocutor que constituem o auditório do enunciado. Mais uma vez, é uma sociedade espantosa que é revelada nessa apresentação de psicologia social. Com efeito, o objetivo da lingüística, para Volochinov, é “estudar os enunciados em sua relação com a situação social que os engendrou.” (p.66). Ora, essa “situação social” tem de particular o fato de não ser atravessada por contradições, ela assemelha-se muito mais à pragmática anglo-saxã da escola de John Austin do que à Teoria da Enunciação de E. Benveniste. Ela reúne locutores (indivíduos falantes) e não enunciadores constituídos como sujeitos pelo processo da enunciação¹⁸. Volochinov não

¹⁵ Esta deriva pragmática do dialogismo já foi assinalada por J. Authier, 1982.

¹⁶ Conforme Angenot, 1984.

¹⁷ “A essência verdadeira da língua é o acontecimento social da interação verbal, realizado pelo enunciado.” (Volochinov, 1930, p.66)

¹⁸ É impossível encontrar em Bakhtin ou Volochinov a idéia, fundamental para Benveniste, de que “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (Ben-

constrói uma teoria do sujeito. De fato, ele tem como objetivo imediato estudar um tipo de “comunicação social” entre outros: o tipo literário. A este tipo ele opõe outros, que estão, assim, sobre o mesmo plano.

1) a comunicação nos locais de produção (na usina e na fábrica, nos colcós, etc.); 2) a comunicação administrativa (nas instituições, organizações sociais, etc.); 3) a comunicação na vida cotidiana (encontros e conversas na rua, no refeitório, em casa, etc.); e, enfim, a comunicação ideológica no sentido próprio do termo: de propaganda, escolar, científica, filosófica, em todas suas variantes. (p.67)

A sociedade não é atravessada por conflitos ou contradições, ela é feita de “situações” que assemelham “pessoas” que, estando em situação de alteridade mútua, assemelham-se em virtude de seu conhecimento exato do que se deve dizer, e do modo como há que comportar-se em cada “situação”. Uma comunicação social na usina se dá entre pares, jamais entre operário e contra-mestre. A “situação” é antes um lugar do espaço social do que um lugar em uma relação de forças.

Quanto à literatura, ora é um *tipo* de comunicação, ora ela se eleva ao nível de reflexo de outros tipos de comunicação.

A “situação” é o conjunto daquilo que é preciso conhecer (os interlocutores, o contexto imediato, sua história anterior, etc.) para compreender um enunciado. É com essa noção de *compreensão* que terminaremos. Ao oposto do que será nos anos 1970-80, a teoria do discurso, que integra a noção de inconsciente (M. Pêcheux), ao oposto do que foi a noção de ideologia no texto de Marx, “Ideologia alemã” (1845), todo o texto de Volochinov pressupõe e até afirma que basta conhecer a “situação” de um enunciado para *compreender* seu sentido. Há um sentido a ser descoberto, e um só, que se dá em sua totalidade a quem souber reconstituir a “situação” em sua unicidade e integralidade. Portanto, é a situação concreta que faz o sentido totalmente interpretável, sem mal-entendido e sem escorregão²⁰.

Por certo, e isto é um ponto fundamental da argumentação de Volochinov, não há verdadeira interioridade, uma vez que tudo acontece na interação verbal, mesmo quando se trata do que parece ser um monólogo interior. Mas a alteridade, intrusão da voz do outro na consciência de um indivíduo,

veniste, 1966, p.259). Diferentemente do locutor, o sujeito da enunciação não preexiste ao ato que é a enunciação.

²⁰ Lembremos que Volochinov é o autor de um livro extremamente crítico em relação à psicanálise. *Frejdizm, kriticheskiy ocherk* (O freudismo: ensaio crítico), 1927 (tradução francesa: *Le freudisme*, Lausanne, L'Age d'Homme, 1980).

é posta como sendo somente mera alteridade: há apenas as “outras” pessoas, não grupos sociais antagonistas. Embora Volochinov fale em classes, ele não as põe em cena. O que conta, para ele, é que a vida seja um teatro em que se desempenham papéis, trocam-se réplicas que são orientadas para um interlocutor específico e que um terceiro não poderia compreender, senão na condição de conhecedor do contexto situacional.

Cada enunciado da vida cotidiana [...] contém, além da parte verbal expressa, igualmente uma parte não-verbal, não-expressa, mas subentendida, (a situação, o auditório) sem a compreensão da qual não se pode entender o próprio enunciado. (p.67)

E Volochinov remete a seu próprio texto, MFL (p.115-116)

O gênero [de discurso] na vida cotidiana é uma parte do meio social: a festa, o lazer, a comunicação de salão, na oficina, etc. Ele está em contato com esse meio, é coagido por esse meio, e é determinado por ele em todas as suas manifestações internas.

O “meio social”, para Volochinov, tem pouco a ver com o que se entende, hoje em dia, em francês, por “meio social”: é mais um meio no sentido biológico, ou mais exatamente ecológico, um *meio ambiente*: o locutor não pode falar fora de uma situação social (definida como uma troca entre semelhantes) da mesma forma que o peixe não pode viver fora da água.

É por isso que considero muito errado falar em “teoria da enunciação” a respeito de Bakhtin. Traduzir “sobytie vyskazyvanija” (literalmente: “o acontecimento do enunciado”) (Volochinov, 1930, p.76) por “a enunciação” (Todorov, 1981, p.69) seria não somente um grave anacronismo, mas também uma orientação completamente diferente, que levaria a ler o “locutor” de Bakhtin/Volochinov como se fosse um “sujeito da enunciação”; seria ler Volochinov/Bakhtin através das categorias de Benveniste²¹.

CONCLUSÃO

Espero ter mostrado que não se pode entender a concepção de Bakhtin e de seu círculo sem conhecer o contexto imediato de seu pensamento.

Esse contexto tem a ver com uma reinterpretação, um século após a oposição mecanicismo/organicismo do pensamento romântico alemão, reconvocado para superar a crise do positivismo.

²¹ A respeito do perigo de confusão entre Pragmática e Teoria da Enunciação e dos mal-entendidos decorrentes de uma leitura muito rápida da produção linguística na Rússia, conforme Sériot, 1990.

O marxismo de Bakhtin/Volochinov está muito distante da maneira como era pensado o marxismo na Europa ocidental nos anos 1970-80. Estes autores transgridem os limites da individualidade psicológica pela intrusão de “vozes” exteriores, fazem todo processo de comunicação passar no “ideológico”, recusam os limites estritos da língua dos lingüistas, mas é para melhor reconstituir uma socialização concebida como um palco de teatro em que se trocam réplicas entre indivíduos, que se tiverem respeito pelos outros, precisam levar em conta seus “acentos”, seus “juízos de valor”. O indivíduo existe somente pelo grupo ao qual pertence. Esse grupo é feito das “outras” pessoas.

Volochinov/Bakhtin são filhos de sua época e de seu lugar: os limites da pessoa são questionados, mas não cessam de reaparecer.

Eles têm todas as condições a favor para afirmar que o enunciado, tomado em sua relação com a “situação” é sempre único, particular. Mas é por sua epistemologia que eles nos deixam na expectativa: qual seria essa ciência do objeto, ao mesmo tempo único e ligado a tudo? Como construir uma teoria do conhecimento daquilo que não é reiterável?

Tradução: Ana Zandwais e Vincent Leclercq

Revisão: Jane Fraga Tutikian

BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, Louis. *Idéologie et appareils idéologiques d'Etat. La pensée.* Paris, 1970, p.3-38.
- ANGENOT, M. Bakhtine, sa critique de Saussure et la recherche contemporaine. *Etudes françaises*, n°20, 1984, p.7-19.
- AUTHIER, Jacqueline. Heterogenéité montrée et heterogenéité constitutive: elements pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, n° 26. Paris, 1982, p.91-151.
- AVERINCEV, S.S. Lichnost I talant uchenogo. [La personnalité et le talent du scientifique] *Literaturnoe obozrenie.* 1976.
- BAGGIONI, D. *Langue et langage dans la linguistique européenne (1876-1933).* Lille, Atelier de reproduction des theses, 1986.
- BAKHTINE, Mikhail/VOLOSHINOV, V. *Le marxisme et la philosophie du langage.* Paris, Ed. Minuit, 1977.
- BALIBAR, René, LAPORTE, Dominique. *Le français national.* Paris, Ed. Hachette, 1974.
- BENVENISTE, Emile. *Problèmes de linguistique générale I.* Paris, Ed. Gallimard, 1966.
- BRANDIST, Craig. Politicheskoe znachenie bor'by s idejami Sossjura v rabotax shkoly Baxtina. [La signification politique de la lutte contre les idées de Saussure dans les travaux de l'école de Bakhtine] *Dialog, Karnaval, xronotop.* Vitebsk, 1995, vol.2, p.32-43.
- DESMET, Piet. La linguistique naturaliste en France (1867-1922). *Nature, origine et évolution du langage.* Paris, 1996.
- EMERSON, Caryl. Bakhtin and women: a non-topic with immense implications. Fruits of her plume: *Essays on contemporary Russian women's culture.* GOSCILO, Helena (org.) New York, Ed. Sharpe, p.3-20.

- GARDIN, Bernard. Volochinov ou Bakhtine. *La pensée*. 1978, p.87-100.
- GASPAROV, Boris. The ideological principles of Prague school phonology of the 1890s. *Jakobson, Trubetskoy, Majakovskij: proceedings of the first Jakobson Coll MIT*. Berlin-New York, 1987, p.49-78.
- GUNTHER, Hans. Michail Bachtins konzeption als alternative zum sozialistischen realismus. *Linguistics and literary studies in eastern Europe*. New York, Ed. John Benjamins, 1981, p.137-177.
- IVANOVA, Irina. Spécificités de l'étude du dialogue dans la linguistique russe. *Histoire, épistémologie, langage*. Fasc. 2, 1981, p.117-130.
- JANGFELDT, B. *Jakobson – budetljanin*: sb. [Jakobson futuriste] Materialov. Stockholm: Almqvist & Wiksell International, 1992.
- MANDELKER, Amy. Semiotizing the sphere organicist theory in Lotman, Bakhtin and Vernadsky. *Publications of the modern language association*, n° 3, 1994, p.385-396.
- MOSSE, George L. *The crisis of german ideology. Intellectual origins of the 3rd reich*. New York, Howard Fertig, 1981.
- NERLICH, Brigitte. Structuralism, contextualism, dialogism. Voloshinov's and Bakhtin's contributions to the debate about the 'relativity' of meaning. *Historiographia linguistica*, vol. XXVII, p.79-102.
- ROMASHKO, Serguej. Vers l'analyse du dialogue en Russie. *Histoire, épistémologie, langage*, fasc.2, 2000, p.83-98.
- SCHUCHARDT, Hugo. *Über die lautgesetze* (Gegen die Junggrammatiker). Berlin, Openheim, 39, 1885 (reed. dans SPITZER, 1922, p.43-99).
- SCHLEICHER, August. *Compendium der vergleichenden grammatik der indogermanischen sprachen*. Weimar, Böhlau, 1861-62.
- SÉRIOT, Patrick. Le sujet de l'énonciation dans la linguistique soviétique actuelle. Sur la réception de l'oeuvre de Benveniste en URSS. *Revue des études slaves*. 1990, p.395-401.
- _____. *Structure et totalité*. Les origines intellectuelles du structuralisme en Europe centrale et orientale. Paris, Ed. PUF, 1999.
- SPITZER, Leo. Hugo Schuchardt-Brevier. *Ein vademekum der allgemeinen sprachwissenschaft*. Max Niemeyer Verlag, Halle, 1922.
- STEINGLASS, Matt. *International man of mystery. The battle over Mikhail Bakhtin*. <http://www.linguafranca.com/9804/steinglass.html>.sd.
- TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris, Seuil, 1981.
- VINOKUR, Grigorij. ° *Kul'tura jazyka. Očerki lingvističeskoj tehnologii*. [La culture de la langue. Essais de technologie linguistique] Moscou, Rabotnik prosvechenija, 1925.
- VOLOSHINOV, V.N. *Marksizm i filosofija jazyka: osnovnye problemy sociologičeskogo metoda v nauke o jazyke*. Leningrad, Prijboj, 1929. (2^a ed.) Traduction française de Marina Yaguello, sous le nom de Mikhail Bakhtin (V.N. Volochinov). *Le marxisme et la philosophie du langage*. Essai d'application de la méthode sociologique en linguistique. Paris, Ed. Minuit, 1977.
- _____. *Konstrukcija vyskazivanija*. [La construction de l'énoncé] *Literaturnaja učeba*. 1930. (trad. fr. dans Todorov, 1981) [La structure de l'énoncé].